

Vocação para a inovação*

ADÃO VILLAVERDE**

A Aliança para a Inovação de Porto Alegre, movimento que tem como centro a Ufrgs, a Pucrs e a Unisinos e se dirige à comunidade de inovação e ao empreendedorismo na capital gaúcha e Região Metropolitana para pensar e implementar uma visão de futuro, já tem uma base fundamental pavimentada no final do século passado.

O caminho percorrido até aqui assenta as condições para um protagonismo de experiências que já se realizaram em outros estados e regiões do mundo, mas que, infelizmente, aqui, em solo porto-alegrense, ainda não se completaram. Os avanços científicos, técnicos e inovativos, bem como as fortes alterações nas relações de trabalho, transformam, de forma acelerada, o processo produtivo que conhecemos, qual seja, a velha revolução industrial, impactando cidades, regiões e países.

Esta fundamental iniciativa da Aliança pela Inovação da nossa Ca-

pital necessita recuperar e atualizar um movimento do início dos anos 1990, que foi o Programa Porto Alegre Tecnópole - PAT. Este articulou, à época, as bases da Triple Hélice (universidades, seto-

Os avanços científicos, técnicos e inovativos, bem como as fortes alterações nas relações de trabalho, transformam, de forma acelerada, o processo produtivo que conhecemos

res produtivos e governos) que propôs ações para a cidade e a Região Metropolitana traduzindo, em rebatimento local, a nova economia oriunda do conhecimento, da inteligência e da inovação, que surgia de forma avassaladora. O processo ainda incorporou, em sua dinâmica, como quarta hélice, a sociedade, elemento chave para que esta estratégia não despregasse de objetivos, interesses e ne-

cessidades do desenvolvimento econômico e social da região.

O resultado disto é que, em menos de 20 anos, num tempo histórico praticamente ínfimo, o mapa desta região mudou de forma significativa. Foram implantados o Tecnopuc, o Tecnosinos, o Tecchpark-Feevale, o Ceitec, o eixo da Saúde no entorno da avenida Ipiranga e adjacências, dentre outras, e ainda abriu a possibilidade concreta de recuperação da região degradada do 4º Distrito, hoje uma realidade. Para tanto a força desta Aliança pela Inovação está em combinar dois movimentos que se complementam: não renunciar à condição de filhos do passado e, sobretudo, aceitar os enormes desafios de sermos genitores da produção do conhecimento do futuro.

**Artigo publicado no Jornal do Comércio em 17 de julho de 2018*

***Professor, engenheiro e deputado estadual (PT-RS)*

CORREIO DO POVO

URUGUAIANA

Município terá complexo eólico

O município de Uruguaiana vai receber a construção de um parque eólico. O anúncio foi feito ontem, pelo secretário adjunto de Desenvolvimento Econômico, Anderson Menezes, após participar de reunião com representantes da Renobrax - Energias Renováveis. O investimento estimado é de R\$ 30 milhões. Conforme o secretário, resta a conclusão de detalhes jurídicos, o que deve ocorrer em um

mês, possibilitando que a obra de instalação do Parque Eólico Harmonia comece dentro de 120 dias. O complexo ficará localizado no marco das Três Divisas, a 50 quilômetros do centro de Uruguaiana, no limite com Alegrete e Quaraí.

Uruguaiana foi escolhida pela empresa principalmente pelo potencial de vento, além de sediar uma subestação de energia elétrica, para a qual será direcionada a

energia renovável produzida pelo sistema. A cidade é classificada como sendo o segundo melhor ponto no Rio Grande do Sul para a exploração de energia eólica.

O projeto prevê a construção de seis torres, podendo ser instalada mais uma. O município fará parceria com o Instituto Farroupilha para a capacitação de eletricitistas, mão de obra necessária para a implantação do parque.

Parque alavanca desenvolvimento da Fronteira Oeste

PÁGINA 02

Conquista de Parque Eólico é fruto de mobilização regional da Fronteira Oeste

O município de Uruguaiana, na Fronteira Oeste, será contemplado com um complexo eólico. O anúncio foi feito na terça-feira (17) pelo secretário-adjunto de Desenvolvimento Econômico da cidade após reunião com representantes da empresa Renobrax - Energias Renováveis.

A conquista, destacada em matéria publicada no jornal Correio do Povo de quarta-feira (18), é fruto de uma ampla mobilização das autoridades e da comunidade de Uruguaiana, Alegrete e Quaraí. Conforme o jornal, a obra de instalação do Parque, que ficará localizado no marco das Três Dividas (a 50 quilômetros do centro de Uruguaiana e no limite com Alegrete e Quaraí) deve começar dentro de 120 dias.

Uruguaiana foi escolhida pelo potencial de vento e por já sediar uma subestação de energia elétrica, para a qual será destinada a energia renovável produzida pelo sistema.

Em 2015, representando o Parlamento gaúcho, o deputado Adão Villaverde, ao lado da então vice-prefeita do Alegrete, Preta Castro Mulazzani, do então vereador Zé Paulo; do diretor da Eletrosul, Ronaldo Custódio; do deputado Frederico Antunes; do à época vereador Jeferson Bruning e de outros profissionais da equipe técnica da

Eletrosul, realizou visita inaugural à Estação de Medição de Vento, que possui uma torre instalada e estava iniciando o processo de medição dos ventos da região.

Na ocasião, o presidente da Eletrosul, responsável pelo investimento, afirmou que a torre faria a coleta de dados por três anos, conforme padrões do Ministério de Minas e Energia. Segundo a direção da instituição, este era o primeiro passo para a criação de um parque eólico na região.

Para Villaverde “no modelo de retomada do desenvolvimento regional da Fronteira Oeste, a energia eólica significa um ativo estratégico para uma aliança do conhecimento, da inovação e da alavancagem da região”.

Segundo Preta Mulazzani, o avanço da produção eólica integra um processo que une potencial econômico e sustentabilidade. “O potencial gaúcho na geração de energia eólica é reconhecido e essa conquista do parque eólico em Uruguaiana mostra relevância e o potencial que a região Fronteira Oeste reserva para a geração de energia eólica. Essa conquista não é um mero acaso. Ela é fruto de um olhar diferenciado, de uma nova perspectiva que vai ao encontro do desenvolvimento econômico, de maneira estratégica”.



Em 2015, Villaverde, ao lado da então vice-prefeita do Alegrete, Preta Mulazzani, e de outras autoridades, realizou visita inaugural à Estação de Medição de Vento

OBSCURANTISMO E DESGAUCHIZAÇÃO

Governo Sartori quer adotar modelo de concessão privada para TVE e FM Cultura

Sul 21

por Débora Fogliatto

Após a decisão do governo do Estado de extinguir a Fundação Piratini, aprovada pela Assembleia Legislativa em 2016, o destino da TVE e da FM Cultura permanecia incerto. Com a programação esvaziada, funcionários sendo encaminhados para outros órgãos e secretarias, as emissoras continuam no ar exibindo principalmente reprises e transmitindo a programação nacional. Nesta terça-feira (18), no entanto, o governo do Estado anunciou ter um plano para o futuro da programação: irá realizar a concessão da operação a uma empresa privada, que será escolhida por meio de edital. O Estado garante que não se trata de uma terceirização, visto que irá manter o controle das outorgas e da programação, embora o trabalho passe a ser executado por uma empresa privada.

A empresa vencedora deverá fornecer equipamento e estúdios próprios para a realização dos programas. Paralelamente a isso, a ideia do Estado é que o prédio seja cedido para a Secretaria de Segurança Pública, que confirmou ter interesse na área. “Trata-se de um terreno que possui localização estratégica e dimensões que possibilitam a instalação do Comando do Policiamento da Capital, de uma unidade do Corpo de Bombeiros Militar e diversas Delegacias de Polícia, centralizando serviços, otimizando custos e ampliando a capacidade de pronta resposta”, afirmou a SSP, por nota.

Para Antonio Escosteguy Castro, advogado da Frente Jurídica de Defesa das Fundações, no entanto, a proposta é inconstitucional e a cedência do espaço para a SSP faz pouco sentido. “As emissoras educativas não podem ser reprivatizadas, é inconstitucional que o Estado as passe de volta para o setor privado”.

Leia mais em <https://bit.ly/2uSkS1B>

Jornal Brasil de Fato RS é lançado em ato político-cultural em Porto Alegre

por Marco Weissheimer

Guilherme Santos/Sul21



A versão regional impressa do jornal Brasil de Fato no Rio Grande do Sul foi lançada na noite de terça-feira (17), com um ato político-cultural que lotou o Memorial Luiz Carlos Prestes, em Porto Alegre. A edição impressa gaúcha do jornal é a quinta do país, somando-se agora às edições regionais de Pernambuco, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro. A redação do Brasil de Fato no Rio Grande do Sul será tocada pela jornalista Katia Marko e pelos jornalistas Ayrton Centeno, Marcos Antonio Corbari e Marcelo Ferreira.

Em um primeiro momento, a edição do BF-RS será quinzenal, com 12 páginas e uma tiragem de 25 mil exemplares. A distribuição será gratuita e feita por militantes do Levante Popular da Juventude, do MST, do MPA e de sindicatos. O primeiro número já começou

a ser distribuído em estações do Trensurb e em terminais de ônibus no centro de Porto Alegre.

Segundo a jornalista Katia Marko, toda a produção da redação será regional e, além do jornal impresso, ficará disponível no site do Brasil de Fato. As principais editorias do BF-RS serão as de Cidades, Terra, Cultura, Lazer e Esportes. O primeiro número foi pré-lançado no último final de semana, em Santa Maria, durante a 25ª Feira Internacional Jubilar do Cooperativismo (Feicoop) e 3ª Feira Mundial de Economia Solidária (EcoSol).

O ato de lançamento oficial, em Porto Alegre, reuniu representantes de partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais, professores, jornalistas, estudantes e leitores do Brasil de Fato. Entre outros, participaram do ato no Memorial Luiz Carlos Prestes, João Pedro Stédile, Olívio Dutra, Raul Pont, Cláudio Nespolo, Frei Sérgio Górgen, Wadih Damous, Edegar Pretto, Pedro Ruas, Paulo Pimenta, Raul Carrion, Henrique Fontana, Berna Menezes, Dionilso Marcon, Pedro Munhoz, Moisés Mendes, Cedenir de Oliveira e Grupo Unamérica, entre outros.

O jornalista Ayrton Centeno disse que o lançamento da edição impressa regional do Brasil de Fato no Rio Grande do Sul representa, entre outras coisas, uma volta às origens, pois a edi-

ção nacional do jornal foi lançada em Porto Alegre, em 2003, durante o Fórum Social Mundial. Centeno lembrou que o lançamento foi marcado por um grande ato no auditório Araújo Viana, que reuniu nomes como Noam Chomski, Eduardo Galeano e Sebastião Salgado. “O objetivo do nosso trabalho com o BF-RS será falar com as pessoas machucadas, não só pelos governos Temer, Sartori e Marchezan, mas, de modo mais geral, pela crise econômica e social que está afetando todo mundo”, assinalou.

Integrante da coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, João Pedro Stédile destacou a importância do jornal para “recuperar as boas práticas de formação política e de trabalho de base”. “A gente estava em dívida com a classe trabalhadora gaúcha de ter aqui também um tabloide impresso. Faltava um instrumento para a militância fazer agitação e propaganda das ideias. Neste período tão difícil que estamos vivendo, é fundamental que a classe trabalhadora tenha um instrumento de diálogo, de intercâmbio e de formação política. As pessoas já estão cansadas de panfletos e carros de som”.

O lançamento da próxima edição do Brasil de Fato RS está previsto para o dia 1º de agosto.

HOMENAGEM

Lembrar Mandela é defender seu legado de defesa da paz e da igualdade

Na quarta-feira (18) foi dia de lembrar Nelson Mandela e sua luta incansável contra a desigualdade racial e social. Mandela, que faria 100 anos na data, mostrou que se pode construir a paz com diálogo, sem ódios, mas sempre com resistência e indignação contra os intolerantes.

Mandela foi torturado, humilhado e encarcerado por quase três décadas, sofrendo no corpo e na alma, todas as dores agudas do preconceito étnico e da barbárie social. Nada foi capaz de azequinar seu espírito ou destruí-lo fisicamente.

Porque defendia uma causa maior que ele, um envolvimento vital com o seu povo, um engajamento com a humanidade, um compromisso com todos nós.



Meio século da arte, talento e olhar crítico

O premiadíssimo artista gaúcho Edgar Vasques completa 50 anos de carreira profissional. Autor de elogiadas ilustrações para cartões comemorativos do nosso mandato, Edgar concedeu uma longa entrevista ao jornal Extra Classe, editado pelo Sinpro RS, que compartilhamos nesta página

por César Fraga

Edgar Vasques completa 50 anos de carreira como artista gráfico em 2018. E faz questão de frisar que quem completa 50 anos de carreira é ele, o autor, e não seu personagem mais famoso, o Rango, que tem “apenas” 48 anos e que terá novo livro lançado logo mais em agosto pela editora L&PM, intitulado Crocodilagem - O Brasil visto de baixo.

Edgar Vasques realizou seu primeiro trabalho profissional em 1968 depois de uma viagem para o exterior. O avô dele, o dr. Carlos Alfredo Simch, além de ser pai da sua mãe foi seu padrinho de batismo. Conforme Edgar, era um senhor vitoriano, médico, cirurgião, farmacêutico - que se formou na Bahia e teve como paraninfo o próprio Santos Dumont -. Quando voltou da Bahia, o dr. Simch foi clinicar no interior do estado e acabou prefeito de São Jerônimo. Um tempo depois, tornou-se senador na vaga de Ernesto Dornelles, nos anos 1950. O dr. Simch achava que um artista tinha que conhecer a Europa e quando faleceu deixou para o Edgar “uma grana” para que o neto pudesse conhecer o velho continente. E assim foi.

Itália e França. As ligações de família com a Varig, que era uma potência da aviação no mundo, abriam portas e proporcionavam algumas regalias como hospedagem e transporte a todos os lugares. Numa parte da viagem foi acompanhado por um tio.

Paris tornou-se especialmente interessante, porque era fevereiro de 1968. Dois meses antes das passeatas estudantis a cidade já estava efervescente dos movimentos que culminariam em maio e mudariam o mundo. “Eu, com 18 anos, percorri Paris no banco de trás de uma Mercedes Benz com chofer, por conta da Varig”. Recorda das pichações nos muros escrito “Mao”, em clara alusão a Mao Tsé-Tung, líder comunista chinês.

O primeiro conto que ilustrei e recebi por isso foi um conto do Armindo Trevisan chamado Canoa, peixe, menino

“Quando voltei para Porto Alegre, eu trouxe um caderno de viagens com desenhos. Antes de viajar a minha mãe havia feito pra mim uma pasta com papel de desenho e eu preenchi essa pasta com minhas impressões. Neste retorno, saiu uma matéria no jornal Correio do Povo, cujo diretor na época era o Oswaldo Goidanisch*, que também era chefe do cerimonial da Assembleia Legislativa, onde meu pai trabalhava, e amigo dele, e fez uma matéria comigo cujo título era ‘Jovem artista gaúcho desenha Europa em seu bloco de viagens’”. (Goidanisch foi o criador do suplemento cultural Caderno de Sábado, do Correio do Povo, no ano anterior)

Ainda não era a estreia profissional, mas a partir de então Edgar passou a colaborar como ilustrador do Caderno de Sábado. “O primeiro conto que ilustrei e recebi por isso foi um conto do Armindo Trevisan chamado Canoa, peixe, menino. Na verdade, a primeira vez que me pagaram foi quando eu fiz um

Igor Sperotto



desenho de uma cena de futebol pro carnê do Campeonato Gaúcho quando tinha 14 anos, publicado por uma pequena gráfica de um outro amigo do meu pai. Mas considero isso um ponto fora da curva”.

Edgar Vasques recebeu nossa reportagem em sua casa no Bairro Petrópolis, em Porto Alegre, e contou um pouco da sua trajetória nesse meio século de traços e humor, numa tarde fria de inverno, enquanto Espanha e Portugal empatavam 3x3 pela Copa do mundo.

Extra Classe - Aos 18 anos você já se via como um artista, como alguém que viveria do desenho?

Edgar Vasques - Eu sempre me via como desenhista. Eu via meus amigos com angústias sobre o que seriam na vida e eu não tinha dúvida. A única questão que tive foi a de como aplicar o desenho numa profissão e como ganhar a vida com isso. Então, também aos 18 anos, fui estudar Arquitetura, muito embora tenha feito vestibular para escola de Artes e para Arquitetura e passei em ambos. Cursei ambas durante um ano e meio. Foi quando tomei uma decisão inexplicável, pois saí da escola de Artes e fiquei na Arquitetura. No começo de 1969 existia um clima no meio estudantil de resistência à ditadura militar.

Leia mais em <https://bit.ly/2uPXge0>

Ilustração: Edgar Vasques/Reprodução



“Então, no verão de 1968, eu parti para a Europa com 18 anos sem nunca ter nem saído de Porto Alegre”, conta. Ficou inicialmente na casa de um primo que trabalhava na Varig e tinha casa em Portugal, depois foi para Espanha,